

A INFANTARIA E SEU PAPEL NA GUERRA MODERNA

Por Alexander Staver*



Imagem gerada por inteligência artificial.

A Internet está cheia de vídeos de tanques, aviões e drones nos combates por cidades e aldeias; mas o objetivo só é tomado quando o sujo, chamuscado e maltrapilho infante orgulhosamente levanta sua bandeira sobre o edifício principal.

“A infantaria não deve se ocupar muito com os fogos; mas apenas avançar à baioneta e tomar prisioneiros.” Suvorov.

Recentemente, tive que participar de várias discussões sobre o papel de vários ramos das forças armadas na guerra moderna. A assistência era composta por jovens educados... Naturalmente, o radicalismo inerente aos jovens estava fora da escala. “Cada um defendia sua arma!” Provavelmente eu teria feito o mesmo há anos. “Somos os mais necessários, os mais importantes e, portanto, os mais importantes no campo de batalha!”

Lembrei-me das aulas de tática ministradas por um professor com duas medalhas de combate, que mesmo assim, antes do início da guerra afegã, já sabia o que era o combate moderno. Foi ele quem primeiro nos disse o que é a vitória em qualquer batalha, desde o menor confronto até a maior guerra. Aqui está uma citação dele, de memória:

“A batalha é considerada ganha apenas quando (desculpe, mas não podemos remover as palavras de uma canção – nota do autor) os testículos do infante¹ penderem sobre a trincheira do inimigo. Apenas ele mesmo, o ‘infante’, determina quando a fortaleza é conquistada, quando a cidade é tomada...”

Parecia então que isso era apenas mais uma piada do Exército, porque há os paraquedistas, há os aviões, há a cavalaria, há a artilharia. Existem equipamentos, armas, treinamento especial e assim por diante. A infantaria é a infantaria. Cem quilômetros se passaram e ainda serão os “caçadores”... Uma submetralhadora, algumas granadas, uma pequena pá de infantaria e uma baioneta, que na verdade é uma faca que não era adequada nem sequer para fatiar salsichas...

Só mais tarde, com experiência, percebi que aquele tenente-coronel tinha razão. Todos nós, em carros de combate, helicópteros, atrás dos escudos de armas, atrás dos lançadores de foguetes, servimos a estes simples soldados de infantaria. Somos nós que servimos e ajudamos no seu aparentemente simples trabalho militar. É a infantaria que toma as cidades, é a infantaria que paga com a vida pelos erros dos seus comandantes. Mais sangue de infantaria foi derramado do que de todos os outros especialistas combinados...

E... hoje, quase nada mudou no curso dessa guerra na Ucrânia. Quando há batalhas por uma aldeia ou outra localidade, a Internet está repleta de vídeos do trabalho de artilheiros, tanquistas, pilotos e operadores de SARP. Mas quando foi tomada a aldeia? Quando o sujo, chamuscado por fogo de artilharia e maltrapilho infante orgulhosamente levanta sua bandeira sobre o edifício dominante, sobre a administração...

Ou se levanta e acena para um drone que passa, sobrevoando tanques e veículos de combate... um simples grupo de combate, que ainda ontem cavava perto de posições inimigas, estava sob golpes de drones e granadas, hoje conquista seu objetivo. E agora, com uma bandeira nas mãos, agradece a todos os que o ajudaram.

Hoje proponho falar sobre quais mudanças ocorreram e estão ocorrendo entre os apoios ao combate para a infantaria antes e na própria infantaria.

COMO O “PREÇO DA VIDA” DE UM SOLDADO DE INFANTARIA MUDOU

Sim, é assim que colocarei a questão hoje. Começarei por afirmar que o preço da vida de um soldado comum aumentou enormemente. Provavelmente, nunca houve tal quadro na história da humanidade como vemos hoje. Tomemos, por exemplo, o novo ramo das forças armadas que domina o campo de batalha – as tropas de sistemas não-tripulados.

¹ No original usou-se a palavra “Vanka”, termo que em russo refere-se ao combatente de infantaria. Optamos por traduzi-lo como “Infante”.

Hoje, quase tudo no campo de batalha se tornou alvo de drones. Estas munições de barragem controlam a aresta de corte quase continuamente. Em vídeo, vemos a derrota de carros de combate, veículos blindados, caminhões, canhões, morteiros. Mas às vezes também há vídeos de como o drone “caça” um soldado. Um único soldado!

Não vou revelar um segredo militar se disser que, em algumas áreas, o número desses “caçadores” é o dobro, e às vezes mais do que o dobro, do número de soldados inimigos. É por isso que todos, incluindo a infantaria, evitam espaços abertos. E as frações são forçadas a operar em pequenos grupos, o que permite pelo menos um pouco reduzir as perdas das ações dos drones. Um pouco menos perigoso para um simples soldado.

Os sistemas de defesa aérea aprenderam a “afastar” aviões e helicópteros de suas posições. Os aviadores responderam com mísseis de longo alcance e bombas planadoras guiadas. O poder destrutivo dessas armas é enorme, mas a eficácia na linha de contato é pequena. Essa munição é mais eficaz para emprego em locais de concentração do inimigo.

É a mesma história com artilharia e tanques. O custo de um tiro aumentou significativamente, e a eficácia... O trabalho competente do comandante de infantaria garante perdas mínimas durante o bombardeio de posições equipadas. De fato, a eficiência também diminuiu. Hoje, as armas funcionam mais na retaguarda imediata do que nas linha de frente.

Mas, em geral, a vida de um soldado na guerra “aumentou de preço” significativamente. E não apenas um soldado de infantaria, mas também qualquer soldado e oficial. Independentemente do local e do tipo de serviço. Na guerra moderna, não há retaguarda.

COMO O APOIO AO COMBATE MUDOU

Eu provavelmente vou começar de novo com drones. Acima, concentrei-me nos SARPs. O desenvolvimento destes sistemas atingiu realmente um nível elevado. Hoje, os drones já têm sua própria “especialização”. De batedores e artilheiros, a infantes... drones. Hoje, batalhas aéreas reais estão ocorrendo sobre as cabeças dos soldados.

Os leitores podem ter notado um detalhe significativo no texto acima. Estou falando do nome de um novo ramo das Forças Armadas. Tropas de sistemas não tripulados! O fato é que hoje no campo de batalha não existem apenas SARPs, mas também drones terrestres para diversos fins. De simples transportadores a batedores que podem penetrar em quase “qualquer fenda”, e a gama de drones está em constante crescimento.

É bom saber que não estamos presos a resolver problemas de proteção contra drones, mas estabelecemos tarefas para o inimigo. Os canais ocidentais da internet já dizem abertamente que a Rússia assumiu uma das posições de liderança no mundo no desenvolvimento e produção de drones.

Aproximadamente a mesma situação com outros “soldados voadores”, como na Força Aeroespacial. Nossas aeronaves encontraram pela primeira vez a defesa aérea moderna. Na Ucrânia, hoje, quase todos os sistemas da OTAN que estão em serviço com os exércitos ocidentais, operam contra nossas tropas. Verificou-se que, em tais condições, mesmo com vantagem absoluta na quantidade e qualidade do equipamento de aviação, não podemos garantir a supremacia aérea completa.

Devemos admitir que os sistemas de defesa aérea do inimigo causam muitos problemas aos nossos pilotos. O aparecimento de aeronaves na área de operação do sistema de defesa aérea ucraniano está repleto de perdas de aeronaves e pilotos. Mas houve uma experiência de 2008. Houve perdas aéreas das defesas aéreas georgianas... Mas não a levaram em conta ou não conseguiram fazer nada para se opor.

De forma alguma estou diminuindo os méritos e o heroísmo de nossos pilotos. Eles estão fazendo seu trabalho magnificamente. Ou melhor, estão fazendo o máximo possível com a configuração de forças que temos hoje. Só que, para ser honesto, estamos usando aviões da mesma forma que... canhões e morteiros. Só que aéreos. Mísseis e bombas planadoras são lançados de uma distância inacessível para os sistemas de defesa aérea.

A aviação operacional-tática e a aviação do Exército, ao que me parece, cumpre plenamente seu papel e apoia qualitativamente nossa infantaria a partir do domínio aéreo. No mínimo, há muitos elogios pelo bom trabalho das unidades de apoio ao solo.

Pilotos correm riscos em quase todos os voos. E não se trata da construção da aeronave ou da sua idade. Muito menos da classe dos pilotos. O problema são os artilheiros antiaéreos. Eles também não são idiotas. E analisam cada derrota, inventando novas formas de combater aviões e helicópteros. E os projetistas também não ficam de braços cruzados.

A modernização das aeronaves de ataque é necessária. Como é necessária a modernização da aviação em geral. A aviação operacional-tática e do Exército em geral desempenham muito bem suas tarefas. E a Força Aeroespacial trabalha de forma bastante eficaz para minar o potencial econômico-militar da Ucrânia.

Tudo é muito difícil com o “deus da guerra”. Infelizmente, ainda estamos atrasados em relação aos melhores exemplos de armas de grande calibre no Ocidente. O Ocidente começou a atualizar suas armas em 1993.

E lá, aliás, foram estabelecidos requisitos claros para o alcance do fogo, inclusive. O novo padrão definiu claramente o alcance mínimo de tiro para canhões de 155 mm. Tiro com munições de fragmentação: 30 km, e com munições de propulsão assistida: 40 km. Para comparação, o obus autopropulsado de 152 mm 2S3 “Acácia” tem alcance de 17,3 km. O obus autopropulsado divisional 2S19 “Msta”, 24,7 km.

Por enquanto, estamos lidando com a ajuda dos drones e da aviação, mas temos de resolver esse problema. A propósito, o novo sistema de artilharia 2S35 com

alcance de tiro de 70 km não debutou no campo de batalha durante os três anos de operações na Ucrânia. Mas este seria o único sistema capaz de destruir com êxito todos estes obuses alemães PzH 2000, os britânicos AS-90, os franceses Caesar e os polacos AHS Krab. A infantaria permanece à espera, muito à espera!

Bem, os melhores amigos dos soldados de infantaria são carros de combate. Aqui, mesmo que seja uma pequena, nossos carros tem vantagem sobre os da OTAN. O que parecia uma fraqueza acabou por ser uma vantagem. Estou falando de peso e velocidade. Muitas vezes ouço dizer que os carros de combate no Ocidente não são adequados para a guerra moderna. Infelizmente, este não é o caso. Os carros ocidentais têm características muito boas.

O ponto é diferente. Não há batalhas como a batalha de Kursk (2ª GM), mesmo em miniatura, hoje. E os veículos formidáveis de ambos os lados são agora mais frequentemente usados como peças de artilharia. E blindagens pesadas, projetadas para proteger contra projéteis de grande calibre, praticamente não ajudam contra os drones. E é aqui que o peso e a baixa velocidade dos tanques ocidentais importam.

Estou cada vez mais inclinado a acreditar que o papel dos tanques está mudando radicalmente nos dias de hoje. Eles são uma ferramenta de avanço, uma ferramenta de ataque, uma ferramenta de apoio ativo à infantaria em operações de captura de objetivos. Os tanques são necessários, mas grandes unidades e agrupamentos de tanques devem estar subordinados aos comandantes de corpo e aos comandantes de exército.

E a atitude cuidadosa e até amorosa em relação aos blindados da infantaria é expressa de forma simples. Eles cuidam das viaturas, protegem-nas de todas as formas possíveis e ajudam a inventar “grelhas” e outros dispositivos de proteção não tradicionais para combater os drones. Hoje, os carros de combate, e não apenas eles, são “objetos da cultura militar”, obras de arte no estilo militar. E cada um desses “objetos” é individual. Ao mesmo tempo, apoiar uma unidade com um veículo de combate é um enorme sucesso para os combatentes e comandantes.

À GUIA DE CONCLUSÃO...

Qualquer guerra é uma escola. Escola para soldados e oficiais, escola para o pessoal da doutrina, escola para comandantes e estado-maior, escola para a retaguarda. E essa escola da vida universal enfrenta novas condições extremas. Mas a aula mais brutal é para aqueles que estão diretamente envolvidos em operações de combate.

Seja como for, o principal criador da vitória foi e continuará a ser o infante que vê o inimigo diretamente, olho no olho. Quem está pronto para destruir o inimigo com as próprias mãos, se não houver armas. Há muitos anos, falei com um veterano da Segunda Guerra Mundial que serviu no corpo de Fuzileiros Navais e participou de combates corpo-a-corpo várias vezes.

Naquele momento, guardei suas palavras sobre como a consciência do soldado muda em um combate como aquele. Quando a própria vida já não importa, o

principal é correr e cravar a baioneta no fascista ou acertar um golpe com a pá de sapador no rosto odiado... E mais tarde, após a batalha, tentar acender um cigarro de palha... Por alguma razão, de repente, isso se torna muito difícil, acender uma chama com um fósforo ou isqueiro... As mãos têm vida própria...

Estamos aprendendo. Estamos buscando algo novo que nos ajude a destruir o inimigo. Abandonamos o velho, que impede a vitória na guerra atual. Mas as palavras de Alexander Vassilievitch Suvorov, que coloquei na abertura, permanecem relevantes na guerra moderna...

Publicado no Topwar.ru.

**Alexander Staver é militar da reserva do Exército russo e editor de Doutrina da revista "Revisão Militar" (Voennoe Obozrenie).*
